

PARA O BEM DE TODOS: IDENTIDADE CIDADINA EM LONDRES NA BAIXA IDADE MÉDIA

For the common good: city identity in late medieval London

Viviane Azevedo de Jesus
Doutora em História PPGH-UFF / *Scriptorium*
Coordenadora Pedagógica Sênior na Edify Education
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0781-1928>
E-mail: viviane.ajesuz@gmail.com

Recebido em: 23/10/2021
Aprovado em: 30/01/2022

Resumo:

Nosso artigo visa analisar um vetor essencial para a construção da identidade com a cidade medieval, a participação no bem comum. Nascer na Londres medieval não define a identidade do cidadão. Observa-se, na verdade, uma série de estratégias que proporcionam a inclusão, ou exclusão, entre os cidadãos de Londres. Por outro lado, mesmo para os cidadãos já reconhecidos, é importante criar mecanismos que reforcem o seu pertencimento à cidade, sendo o fortalecimento dos laços sociais no interior da comunidade uma das estratégias fundamentais. A fim de examinar o papel do bem comum nessa construção identitária, voltamos-nos especialmente para os testamentos do *Calendar of Wills proved and enrolled in the Court of Husting*, assim como registros dos *Memorials of London and London Life*.

Palavras chave: identidade, bem comum, testamentos.

Abstract:

This article aims to analyse an essential aspect in shaping identity within the medieval city, the participation in the common good. Being born in medieval London does not define the identity of a citizen. Indeed, it is possible to observe a number of strategies which provide for inclusion, or exclusion, among the citizens of London. On the other hand, even for the ones who are already recognized as such, it is important to create mechanisms that reinforce their belonging to the city, being the strengthening of social ties within the community one of the most crucial strategies. In order to examine the role the common good plays in shaping identity, we focus on the wills from the *Calendar of Wills proved and enrolled in the Court of Husting*, as well as the records from the *Memorials of London and London Life*.

Key words: identity, common good, wills.

O cidadão medieval criou diversas estratégias para ser reconhecido como membro da cidade, o que não seria diferente para os londrinos dos séculos XIV e XV. Ao estudarmos as atitudes com relação ao trabalho, principalmente o trabalho manual, é possível observar que sua gradativa aceitação a partir do século XIII deveu-se principalmente à noção de contribuição para o bem comum. Essa atuação em prol da cidade e de seus habitantes reflete-se de forma mais ampla e destaca-se como uma das estratégias de afirmação de pertencimento. Afinal, é preciso contribuir com o bom funcionamento do organismo urbano como um todo.

O bem comum pode ser observado aqui a partir de duas perspectivas complementares. Em primeiro lugar, a contribuição para o bem comum pressupõe a participação no coletivo, nos aspectos partilhados pela comunidade em que o cidadão está inserido, corroborando para o sentido de pertencimento ao grupo. Não menos importante, o bem comum apresenta-se como um princípio ético-político pelo qual o reino se organiza. Todos são irmãos e, como membros do reino, e da cidade, devem contribuir para sua organização. Em ambos os casos, o bem comum aproxima o cidadão da noção de cidadania medieval, através da qual participa das experiências coletivas como membro da cidade, do reino e da Cristandade.

Na Londres medieval, vemos este artifício sendo empregado abundantemente no conjunto dos testamentos arrolados na Husting Court. Os testadores designam os bens a serem herdados não apenas pelos membros de seus círculos mais próximos, mas voltam atenção especial às doações que almejam realizar. Sem dúvidas, grande parte dessas doações, como visto no item anterior, dirigiam-se à Igreja e seus servos, pois esta era uma sociedade profundamente inserida na Cristandade e guiada pela busca da salvação. Além das igrejas paroquiais dos testadores e das ordens mendicantes em Londres, destacam-se os recursos dirigidos às obras da St. Paul's Cathedral.

Alguns testadores fazem doações bastante específicas, como o peleiro Stephen Dawben, da paróquia de S. Michael upon Cornhull, que em 1387 concede recursos “to the work of the south entrance of S. Paul's”,¹ ou seja, para as obras de manutenção na entrada ao sul da catedral. Todavia, em geral, as doações referem-se aos “old and new works at St. Paul's”, incluindo tanto a parte mais recente quanto a mais antiga da catedral.² Grande relevância era dada à manutenção daquela que era a principal igreja da cidade.

St. Paul's integrava o coração da cidade, funcionando também como importante local de reunião dos londrinos. Portanto, não surpreende o fato de ser beneficiada por inúmeros cidadãos. O peso da conservação das igrejas era considerável e, em um momento em que os recursos do reino (inclusive das taxações sobre o clero) estavam voltados para guerra, era preciso contar com as doações dos fieis mais favorecidos para manter os templos sagrados em bom estado. Além disso, as doações em favor da catedral garantiam aos benfeitores a graça das indulgências, o que não se repetia nas demais igrejas paroquiais que abundavam na cidade, atraindo um maior número de benfeitores.

Encontramos em boa parte dos testamentos alguma forma de contribuição à Igreja. Entretanto, salta aos olhos o volume de doações direcionadas aos menos favorecidos, às instituições de acolhimento e às obras para manutenção da cidade. Concentremo-nos, então, neste aspecto, sobre o qual o testamento de William Trippelowe revela alguns temas.

Trippelowe (William), armourer.—To be buried in the churchyard of S. Brigid, Virgin, in Fletestrete, under the north wall of the church between la porch and la looge. Bequests to the said church, Sir Thomas de Hayton its rector, and ministers therein, the light of the Blessed Mary, &c. To Agnes his wife all his lands and tenements in Fletestrete for life, charged with keeping his obit and paying yearly five pence to five poor men in honour of the five joys of the Blessed Virgin, the mother of God; after her decease the same to be sold, and the proceeds devoted to prisoners in London, to poor men and sick widows in the parishes of S. Brigid, S. Martin at Ludgate, S. Sepulchre without Neugate, S. Andrew in Holbourne, and S. Dunstan in Fletestrete, and to the repair of roads near London. (...). Dated London, 19 August, A.D. 1390. Roll 119 (54).³

O armeiro, após agraciar a igreja em que será sepultado e garantir a herança de sua esposa, designa também de que modo devem ser beneficiados, após sua morte, os pobres, as viúvas e os presos, além de reservar recursos para o reparo de estradas. Escrever um testamento implica em encontrar meios para contribuir com o bem comum.

Em primeiro lugar, devemos considerar as doações aos menos favorecidos. Embora estas estejam também associadas às obras de caridade e, por isso, à busca do perdão dos pecados e da salvação, elas atuam diretamente junto à ideia do bem comum da cidade, uma vez que estes grupos nela habitam e precisam de suporte para que não causem transtornos à ordem e à paz. Logo, é possível pensar o bem comum pela perspectiva da caridade uma vez que “yet there was a common, unofficial expectation that those well endowed by God in this world should accept the obligation to care for their less fortunate neighbours” (BARRON, 2009, p. 267).

É possível observar o favorecimento dos pobres em inúmeros testamentos, recebendo tecidos utilizados em funerais, o valor monetário equivalente àquele gasto em velas nos ritos fúnebres, entre outros. No caso de William, citado acima, sua benesse é bastante específica ao definir que a cada ano, enquanto sua esposa viver, cinco homens pobres deverão receber a soma de cinco *pences*; doação esta feita em favor da Virgem Maria. Em se tratando do medievo, não se pode separar aqui as motivações morais das motivações religiosas que impulsionavam a generosidade *post obit*.

Como ressalta Barron, a existência dos pobres era oficialmente reconhecida pois estavam isentos do pagamento de impostos. No entanto, era preciso diferenciar os pobres indignos dos pobres dignos (BARRON, 2009, p. 273-278). O primeiro grupo correspondia àqueles que tinham condições de trabalhar, mas mantinham-se como pedintes, não colaborando para o funcionamento da cidade; entre os que compunham o segundo grupo estavam os inválidos, as crianças, as viúvas, os doentes e os idosos. Era aos pobres dignos que se devia direcionar doações.

Havia, então, outras formas de auxiliar aqueles que não podiam manter-se sozinhos, como os órfãos, os doentes e as viúvas pobres. Em 1385, a viúva do mercador Simon Mordon, Alice, detentora de um significativo patrimônio e aparentemente sem herdeiros de seu ventre, mostra-se muito generosa para com os meninos e as meninas pobres.

Mordon (Alice, relict of Simon de, late "stokfisshmongere").—To be buried in the church of S. Michael in la Crokedlane. Bequests to the said church and ministers therein, the old and new work of S. Paul's, the five orders of

mendicant friars in London, the inmates of various hospitals and the poor sick on beds (*in grabatis*) within the City and suburbs of London, and the lepers at *le loke*, near Hakeneye, and near the Hospital of S. Giles without Holbourne. To Sir William de Walworth, Knt., she leaves her best girdle, and to Dame Margaret his wife her best jewel. Bequests also to Johanna her kinswoman, to the child of Thomas de Fulham by the said Johanna, John Olyver, her servants, and others. All her lands, tenements, &c., in the City and suburbs to be sold, and the proceeds devoted to the maintenance of chantry priests in the churches of S. Michael in Crokedlane and S. Michael upon Cornhull, and to providing marriage portions for poor girls, educating poor boys, the relief of debtors, repair of roads, and similar charitable uses. Dated London, Friday the Feast of SS. Tiburcius and Valerian [11 Aug.], A.D. 1385. Roll 116 (67).⁴

Entre todas as obras de caridade a serem beneficiadas pela venda de todas as suas propriedades na cidade e subúrbios, preocupa-se em financiar a educação de meninos pobres, o que lhes ajudaria posteriormente a trabalhar em oficinas melhores, e em garantir o dote matrimonial de meninas pobres, que poderiam então conseguir melhores casamentos na cidade. Essa atenção aos dotes das pobres donzelas repete-se nos desejos póstumos de outros testadores. Afinal, era dever dos cidadãos proteger aqueles que eram jovens demais para se manter (BARRON, 2009, p. 272).

Outro aspecto reiterado em inúmeros testamentos é o cuidado com os doentes, principalmente com os doentes pobres da cidade, pois estes não possuem recursos para buscar um tratamento com médicos e boticários. Ademais, como no caso supracitado, frequentemente oferta-se quantias aos hospitais da cidade, destinadas tanto aos irmãos e irmãs religiosas que aí servem quantos aos que neste se abrigam, não apenas doentes como também viúvas menos favorecidas, viajantes e alguns habitantes pobres. Também entre os doentes da cidade, alguns testamentos ocupam-se de cuidar dos leprosos, que habitavam instituições isoladas, como vemos no testamento de um mercador de vinhos em 1375: “Further bequests to (...), the poor and decrepit in various hospitals, the lepers of *le loke* and S. Giles's Hospital; also for marrying poor maids, the repair of bridges and highways within twenty miles of the City of London”.⁵ John de Rothyng, além de retomar o cuidado com o dote de moças pobres, atenta em especificar as instituições voltadas para os leprosos dentre as outras.

Havia uma gama de hospitais no interior dos muros de Londres e em seus arredores. Segundo Kate Kelsey Staples, embora o objetivo das doações fosse auxiliar as instituições, esperava-se que seus internos rezassem pelos seus benfeitores em retorno (STAPLES, 2011, p.36). Se pensarmos na importância dada à intercessão pelas almas, não devemos estranhar a generosidade em prol dessas entidades. O clérigo William apresenta-nos uma lista de alguns hospitais e prisões da região ao registrar seu testamento em 1372:

Further bequests for the maintenance of the light of S. Mary in his church of S. Olave near the Tower, and of the light of Wolwyrchers in the same; to various orders of friars, the brethren and sisters of the hospitals of S. Thomas de Southwerk, Elsingspitele, S. Mary without Bisshopesgate, S. Giles without Holborne, and others; to prisoners in the King's prisons, viz., in Neugate, in the Marshelsea at Westminster, Hertford, Royston, Colchester, Canterbury, Rochester, Sarum, Ilchester in co. Somerset, the prisons of Dorset and Exeter,

as well as in the bishops' prisons, viz., at Storteford, Canterbury, Rochester, Westminster, Sarum, Wells, and Oxford.⁶

O testador direciona sua generosidade não só aos hospitais da cidade, como também de seus arredores, como o hospital de São Thomas de Southwark, um dos subúrbios de Londres. Além disso, não se esquece daqueles que estão nas prisões do Rei, estendendo ainda sua benesse a outras cidades do reino. Dentre as prisões de Londres, refere-se a Newgate. Em geral, Newgate e Ludgate são as prisões mais mencionadas nos testamentos arrolados em Husting. No entanto, havia ainda outra importante prisão, Fleet, próxima ao rio de mesmo nome.

Muitos presos dessas instituições dependiam da caridade alheia para sobreviver, pois “[m]edieval politics rarely provided their prisoners with the range of services that are customary (and mostly free) today, such as meals, medical aid, spiritual guidance, and recreational and educational programs” (GELTNER, 2006, p. 3). Embora houvesse internos que podiam manter-se, muitos outros não possuíam recursos para garantir condições mínimas de vida. Conforme o número de presos crescia e as prisões ganhavam destaque, aumentavam também as doações a fim de melhorar suas condições, uma vez que sem estas a alimentação de alguns poderia ser ínfima, como apenas um pedaço de pão por dia. Ainda que estivessem em uma situação de certo isolamento, esses presos estavam inseridos na cidade, na qual haviam construído suas redes relacionais. Desse modo, a cidade, personificada em seus cidadãos, tinha por dever auxiliá-los na tribulação.

Alguns desses são, por vezes, bastante específicos em suas contribuições, como John Scorfeyn, que se preocupa em aliviar as condições das mulheres presas em Newgate e Ludgate. Outros aspectos saltam aos olhos em seu testamento:

Scorfeyn (John), armourer.—To be buried in the common churchyard of S. Paul's, by the side of Alice his mother. Bequests to the church of S. Augustine near S. Paul's Gate; also to the church of Ifeld, and to the poor in the parish thereof; to each order of mendicant friars in London, the Prioress and Nuns of Roughsparre, the new and old work of S. Paul's, the repair of the highway between Nomanneslonde and Iseldon, &c. To Peter his brother, Isabella his sister, William his sister's son, Johanna atte Brook, William atte Brook, Ralph Scorfeyn his kinsman, and others, he leaves sums of money. To Agnes his wife his tenement called "le harwe on the hope" in the parish of S. Dunstan in Fletestrete for life so long as she remain unmarried; remainder in trust for sale, the proceeds being devoted to poor prisoners, more especially women, in Ludgate and Newgate, and other charitable uses. Dated London, 16 March, A.D. 1389.⁷

Há muitos testamentos em que encontramos quantias direcionadas ao reparo de estradas, principalmente na cidade de Londres e seus arredores. Em alguns casos, como no testamento de John Scorfeyn, designa-se estradas e trechos de estradas específicos que devem ser reparados segundo o desejo do falecido, o que nos leva a considerar que estas fossem vias mais frequentemente utilizadas por estes indivíduos, ou até mesmos necessárias para o desempenho de seus ofícios, que assim conheciam o seu estado de conservação. No testamento de William Trippelowe acima citado, este atenta para o cuidado com as estradas nos arredores de Londres, fundamental para o fácil acesso à

cidade. Esta era uma das preocupações recorrentes entre aqueles que dependiam das mercadorias e mercadores vindos de outras cidades.

A preocupação com o bem comum implica na participação política, especialmente em uma cidade que conta com uma auto-gestão, bastante autônoma da Coroa, como Londres. Além da inserção nos quadros das autoridades da cidade, um aspecto fundamental da participação política era garantir as condições que faziam de Londres a principal cidade do reino. Assim, o bem comum também se desdobra sob o aspecto político.

Embora houvesse uma taxa para entrada e saída de carroças nos portões e pontes de Londres, esses rendimentos não eram suficientes para a manutenção de tantas estradas de acesso constantemente utilizadas. Portanto, as doações recebidas eram fundamentais para uma melhor conservação destas. Todos os aspectos físicos da cidade fazem parte da vida cotidiana desses londrinos, por isso, eram os mais indicados a identificar suas necessidades, assim como demonstra o testamento de Robert Boxford:

Boxford (Robert), draper.—To be buried in S. Paul's churchyard called "Pardouchirchehawe." One moiety of his movable goods he leaves to Clemence his wife by way of her share of his goods, and out of the residue he makes divers bequests to the fabric of S. Paul's and of the church of S. Vedast, to poor prisoners in Neugate and Ludgate, to the Prior, Canons, &c., of S. Mary de Overee in Suthwerk, the Master of the College of S. Laurence Pounteneye near Candelwykstrete, the ministers of the church of S. Mary Magdalen de Suthwerk; also for the repair of roads in the neighbourhood of London, and for distribution among the poor and infirm lying "bedreden" in the City and suburbs, &c. Bequests also to John Prentis his brother, John Gibbes, William Symme, and others. A certain rent issuing from a tenement called "le cok on the hoop" in the parish of S. Giles without Crepulgate to be sold to pay his debts. Dated at the priory aforesaid, the Feast of the Purification of V. Mary [2 Feb.], 16 Richard II. [A.D. 1392-3].—Also to old Thomas, the bellringer of the priory, three shillings and fourpence. Roll 121 (145).⁸

O mercador de tecidos também volta sua atenção para as estradas nos arredores de Londres, o que deve ser ressaltado ao considerarmos que a cidade era um ponto central da rede da tecelagem no reino. Outro aspecto presente refere-se às estradas utilizadas para a peregrinação, como no caso daquela que seria utilizada por peregrinos que tomassem o mesmo rumo da comitiva de *The Canterbury Tales*. O território insular contava com centros de peregrinação próprios como Canterbury e Walsingham. Portanto, era preciso garantir o acesso dos peregrinos ingleses (e até estrangeiros) a estes santuários, uma vez que eram, de modo geral, os destinos de peregrinação mais possíveis.

Embora não fossem estradas pavimentadas com pedra e cascalho, demandavam reparos constantes. "Essentially these roads were earthen tracks, which from heavy use (especially from livestock being driven to market or between manors) could easily become 'hollow ways'" (WHITE, 2012, p. 110). Sua manutenção não estava, em geral, a cargo das autoridades das cidades. A responsabilidade recaía sobre aqueles que possuíam terras e propriedade por elas cortadas; era tarefa de alguns indivíduos e da comunidade (STAPLES, 2011, p. 35). Entre as formas de reparo mais comuns, estavam

os métodos de cobrir áreas alagadas com placas de madeira e galhos mais finos e de preencher os buracos com areia. Por mais simples que possam parecer, essas estratégias exigiam mão de obra, material e transporte do mesmo, implicando em gastos de manutenção. Em se tratando de vias muito utilizadas, como aquelas de acesso a Londres, e de manutenção rudimentar, esses gastos eram constantes. Todas as doações faziam-se necessárias para tanto.

Para Sharpe, a necessidade moral atribuída às contribuições para o reparo e conservação de estradas ganhava ainda mais força ao se tratar da construção e manutenção de pontes. Este já era um costume que remontava ao período Anglo-Saxão em que havia a obrigação de corresponder a *trinoda necessitas*.⁹ Variadas pontes aparecem nos textos dos testamentos da Husting Court, mas a London Bridge é, sem dúvida, a mais beneficiada.

London Bridge era a principal ponte de Londres, e a mais antiga, embora tivesse sido reconstruída diversas vezes e só no século XII tivesse ganhado sua estrutura em pedra. Tornara-se não apenas uma travessia comercial essencial para a cidade, mas também uma área residencial. Por sua importância para a cidade era frequentemente mencionada nos testamentos, como no extrato a seguir:

Potman (John), fishmonger.—To be buried in the church of S. Magnus near London Bridge. Bequests to the said church and ministers therein, also to the work of London Bridge and to the priest in the chapel upon the same. To Juliana his wife his tenement upon Fichwharf in the parish of S. Magnus aforesaid for life; remainder to Guydo and Henry his sons in tail; remainder to the wardens of the Fraternity of Salve Regina in the aforesaid church. The residue of his goods to be divided equally among his said wife and sons. Dated the Feast of S. Mathias, Apostle [24 Feb.], A.D. 1373. Roll 102 (147).¹⁰

O mercador de peixes deixa sua doação para as obras de manutenção da ponte, mas também se refere a uma capela. Por ser uma área de grande movimentação e bem povoada, devido à facilidade de acesso, contava com algumas igrejas nos seus arredores. Além disso, seguindo a prática da época, era comum haver capelas sobre as pontes, especialmente em estruturas de grande porte como a London Bridge. Tais capelas também eram destinatárias das doações dos falecidos, afinal, encontravam-se em um ponto crucial da cidade. Era principalmente por meio da generosidade desses cidadãos que capelas eram ricamente ornamentadas, como mostra o inventário da Capela sobre a London Bridge em 1350: contava esta com um arsenal de livros sagrados, como três breviários com capa de couro, três Legendas de Santos, quatro saltérios, missais, entre outros.¹¹

Desde sua reconstrução do século XII, a ponte contava com a colaboração de uma guilda, *Brethen of the Bridge House* (Irmãos da Casa da Ponte), e com os rendimentos das propriedades construídas nas terras doadas pelo Rei João, que formavam o núcleo da Bridge House Estate. Esta, por sua vez, estava sob os cuidados das autoridades da cidade, a quem se endereçavam as doações para a manutenção da ponte, como observamos a seguir:

Mordon (John), called "Rothynge," stockfishmonger.—To be buried in the churchyard of the church of S. Mary atte Hill. Matilda his wife to take the issues and profits of all his tenements in the parish of S. Edmund the King in Lumbardestret until his son Henry come of age; and if the said Henry die during minority, then until his son John come of age. If both sons die without issue of their bodies, the said tenements are to go to the Mayor and Commonalty of London, and to the Wardens of London Bridge for the time being and their successors, for the maintenance of the said bridge. Dated London, Thursday the Feast of S. Clement, Pope [23 Nov.], A.D. 1385. Roll 116 (78).¹²

Não só nos testamentos podemos encontrar vestígios dessa preocupação com o bem comum discutida. Sendo a London Bridge um dos pontos de acesso centrais da cidade, grande era a preocupação com a sua proteção, especialmente em períodos em que o Rei ou o reino encontravam-se envolvidos em conflitos, como demonstram as ordenações sobre a defesa da cidade estabelecida pelo *mayor* e os *aldermen* em 1321 e posteriormente reafirmada.

And that two good and strong boats shall be provided on the Thames at night, with armed men, on the one side of London Bridge, towards the West, and two boats on the other side, towards the East; so as to guard the water by night, and watch that no one may enter this part of the City to do mischief; and, if they see peril, to warn the people of those Wards which are keeping guard upon the water.¹³

A cidade - e seus habitantes - tinha por dever prover os meios para a proteção da ponte, envolvendo-se física (homens armados, vigias e guardas) e materialmente (recursos financeiros, barcos, armas). Ser parte da cidade implicava em protegê-la dos perigos externos e internos. E tais perigos tornavam-se ainda mais prováveis nos períodos de guerra, o que nos remete à Guerra dos Cem Anos.

Como observado por Harriss em seu trabalho sobre o rei e seus súditos, era uma obrigação do rei pagar por seus próprios custos, assim como era seu direito pedir a contribuição dos súditos em momentos de dificuldade e emergência (HARRISS, 2008, p. 24). No caso de Londres, que sempre recebera benefícios da Coroa, a cidade tinha por dever auxiliar o monarca, e o reino, em suas urgências. É o que se dá em março de 1356, quando uma congregação composta por *mayor*, *aldermen* e representantes de todos os *wards* da cidade se reúne para decidir a quantia devida por cada área para atender a um pedido régio. A cidade consegue arrecadar cerca de £480 para o reparo de duas embarcações utilizadas na guerra.

O reino, no entanto, não estava envolvido apenas no conflito com a França. Havia ainda conflitos internos, como aquele com o País de Gales, com o qual a cidade também tinha o dever de contribuir. Em novembro 1404, Londres envia ao Rei a soma de £733 6s. 8d. para financiar o cerco ao Castelo de Coityf, em Gales.¹⁴ Em outubro, o Rei havia sido pressionado para resgatar o Senhor de Coityf, que era prisioneiro dos rebeldes galeses, liderados por Owen Glendower, em seu próprio castelo. A cidade age rápido para financiar o cerco; o Rei, por sua vez, compromete-se a devolver a quantia o quanto antes, neste caso, com os recursos disponibilizados pelo Parlamento até o Natal. A

Coroa reconhece a presteza de Londres em servi-la e recompensa a cidade de diversas formas, especialmente pela concessão de privilégios dentro do reino.

Além dos pedidos pontuais do Rei em direção à cidade, havia ainda taxações definidas pelas reuniões do Parlamento, como a *poll tax*. Em 1379, Andrew Pykeman, John Shelford, Thomas Reynham, John Vyne, John Rote, William Badby, Walter Doget e William Venour são nomeados para arrecadar na cidade a *poll tax* instaurada pelo Parlamento de Maio, devendo retornar os valores até a Festa de São João Batista, 24 de junho, e a Festa de São Pedro de Vincula, 1º de agosto.¹⁵ Como definido nesta ocasião, o Duque de Lancaster deveria pagar 10 *marks*, o *mayor* de Londres £4 (a mesma quantia devida pelos condes do reino), os *aldermen* £2 (o mesmo valor recolhido dos barões do reino), até os menores níveis, em que todos acima de 16 anos deveriam pagar 4 *pences*.

Segundo Harriss, essas doações e empréstimos não podiam ser requisitados continuamente.

By constitutional tradition stretching back over two centuries, taxes could only be asked for the exceptional needs of the king and the realm, most obviously and usually in time of war. Subjects were obliged to contribute their own goods when the safety of the realm was threatened, though they could only be taxed with their own consent (HARRIS, 2008, p. 23).

No entanto, como já vimos anteriormente, é possível observar que o não-consentimento dos súditos podia, por vezes, não ser levado em consideração, como em 1369. As autoridades recebem uma carta endereçada à cidade informando a necessidade do Rei de 100,000 marks para uma viagem de seu filho, o Duque de Lancaster, e Robert de Knolles a serviço real, assim como para a defesa do reino. Pede-se que Londres empreste £5,000 à Coroa. Tendo a cidade já contribuído diversas vezes com as necessidades régias, recorre ao Rei para que seja liberada, mas sem sucesso.

After due consideration of the above it was decided to send a deputation to the King to ask that the City might be excused in consideration of the heavy burdens it had already been called upon to bear. The King refused. Thereupon it was agreed that the money should be lent to the King by those persons whose names appear on the next folio, together with the amount lent by each, on the security of the custom and subsidy of wool, woolfells, and leather in the Port of London, (...). And be it known that Stephen Cavendisshe and John Warde, Aldermen, and John Philipot and John Organ, Commoners, were appointed to collect the money, which was delivered to the King, as appears by acquittance of the King's Treasurer in the custody of the Chamberlain of the Guildhall.¹⁶

Diante do pedido real e da recusa de isenção, Londres precisa recorrer aos seus cidadãos mais abastados para cumprir com seu compromisso com a Coroa. Embora os nomes tenham sido posteriormente apagados dos fôlios do *Letter Book G*, esses homens que emprestam dinheiro ao Rei representam à cidade. São estes filhos da cidade que auxiliam nos momentos urgentes, assim como a cidade auxilia a Coroa. Chama a atenção o fato de indicarem os servidores régios que recebem as quantias arrecadas para o Rei. Esta era uma preocupação importante e justificável para as autoridades da cidade,

uma vez que deviam prestar contas das somas devidas à Coroa, que por vezes não chegavam ao Rei, como vemos em 1409. O *mayor* escreve ao Rei “assuring him that the sum of 7,000 marks, required for his expedition into Wales, had been paid to divers of the King's officers, in manner as specified, although the writers had been informed by the Prince that the money had not come into the King's hands”.¹⁷ A cidade consegue reunir a quantia requisitada para auxiliar a expedição régia em Gales e entrega-a aos oficiais régio, mas a quantia nunca chega até o Rei.

Dois anos mais tarde, novamente alguns londrinos fazem empréstimos ao Rei, reunindo uma grande soma. O Rei, por sua vez, permite que esses empréstimos sejam pagos com os recursos provenientes da exportação de lã e couro no Porto de Londres, autorizando o *mayor*, alguns *aldermen* e outros cidadãos a recolherem os devidos valores.¹⁸ Todos têm seus nomes registrados nos fólhos com as respectivas quantias disponibilizadas. Esses homens integram a cidade e são assim reconhecidos.

O reconhecimento como cidadão inscreve-se no sistema de representação política da cidade, sendo o bem comum um aspecto político fundamental, em especial no que tange à cidadania. Por meio deste princípio organizador, todos devem ser reconhecidos como irmãos e, portanto, devem contribuir para garantir as condições necessárias para o bem da coletividade, seja esta circunscrita apenas à cidade ou ao conjunto do reino que integra.

Referências

Fontes:

Calendar of Letter-Books of the City of London: g, 1352-1374, ed. Reginald R Sharpe. *British History Online*, London, 1905, pp. 248-258. Disponível em: <https://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/volg>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688, ed. R R Sharpe. *British History Online*, Londres, 1890. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

Memorials of London and London life in the 13th, 14th and 15th Centuries, ed. H T Rile. *British History Online*, London, 1868. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/no-series/memorials-london-life>. Acesso em 4 de outubro de 2020.

Bibliografia:

BARRON, Caroline. *London in the Late Middle Ages: Government and People, 1200-1500*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FURTADO, Junia Ferreira. A Morte como testemunho de vida. In: DE LUCA, Tania Regina; PINSKY, Carla Bassanezi. *O Historiador e Suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

GANIM, John M. Identity and subjecthood. In: ELLIS, Steve (ed.). *Chaucer: An Oxford Guide*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GELTNER, Guy. *Medieval Prisons: Between Myth and Reality, Hell and Purgatory*. In: *History Compass* 4, Blackwell Publishing, 2006.

GORDON, Bruce e MARSHALL, Peter. Introduction: the place of the dead in late medieval and early modern Europe. In: Idem (eds). *The place of the dead: death and remembrance in late medieval and early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HARRISS, G. L. The King and his subjects. In: HORROX, Rosemary (ed.). *Fifteenth-century attitudes – Perceptions of society in late medieval England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RUBIN, Miri. Identity. In: HORROX, Rosemary & ORMROD, W. Mark (eds.). *A Social History of England 1200-1500*. Cambridge; Cambridge University Press, 2006.

SHARPE, R. R. Introduction. In: *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe, London, 1890, pp. i-liv. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/i-liv>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

STAPLES, Kate Kelsey. *Daughters of London: Inheriting Opportunity in the Late Middle Ages*. Brill Academic Publishers, 2011.

TREXLER, Richard C. *Persons in Groups – Social Behaviour as Identity Formation in Medieval and Renaissance Europe*. New York: Medieval and Renaissance Text & Studies, 1985.

WHITE, Graeme J. *The Medieval English Landscape 1000-1540*. London and New York: Bloomsbury Academic, 2012.

Notas

¹ Wills: 10 Richard II (1386-7). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 259-261. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp259-261>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

² Após o incêndio de 1087 em Londres, a Catedral foi reconstruída de forma que a catedral medieval era, na verdade, a quarta igreja levantada no local. Entre os séculos XIII e XIV, uma nova área foi adicionada à estrutura já existente, expandindo o coro da ala leste da catedral. Esta nova parte da catedral ficou conhecida como New Work, em oposição às edificações que datavam do XI e XII, Old Work. Cf. SCHOFIELD, John. “The Archaeology of St Paul’s Cathedral”, disponível em <http://www.gresham.ac.uk/lectures-and-events/the-archaeology-of-st-pauls-cathedral>, acesso em 30 de setembro de 2020.

³ Wills: 14 Richard II (1390-1). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 278-289. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp278-289>. Acesso em 2 de outubro de 2020. “Trippelowe (William), armeiro.— A ser enterrado no cemitério de S. Brigid, a Virgem, em Fletestrete, abaixo da parede norte da igreja entre o pórtico e o pavilhão. Doações para a referida igreja, seu reitor Sir Thomas de Hayton, e seus ministros, a luz da Santíssima Virgem, &c. Para Agnes sua esposa todas as terras e propriedades em Fletestrete enquanto viver, sob a responsabilidade de guardar sua morte e pagar

anualmente a soma de cinco *pences* a cinco homens pobres em honra das cinco alegrias da Santíssima Virgem, a mãe de Deus; após a morte de Agnes tais bens devem ser vendidos e a renda revertida para os presos de Londres, para os pobres e as viúvas doentes da paróquia de S. Brigid, S. Martin em Ludgate, S. Sepulchre without Neugate, S. Andrew em Holbourne, e S. Dunstan em Fletestrete, e para o reparo das estradas próximas a Londres. (...). Datado em Londres, 19 de Agosto, D.C. 1390. Roll 119 (54)". (Tradução livre da autora).

⁴ Wills: 11 Richard II (1387-8). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 261-269. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp261-269>. Acesso em 2 de outubro de 2020. "Mordon (Alice, viúva de Simon de, mercador de peixes salgados). — A ser enterrada na igreja de S. Michael em la Cokedlane. Doações para a referida igreja e seus ministros, as partes antiga e nova de S. Paul's, as cinco ordens mendicantes em Londres, os internos de vários hospitais e os pobres doentes em camas na cidade e seus subúrbios, e os leprosos em *le loke*, próximo a Hakeneye, e próximo ao Hospital de S. Giles without Holbourne. Para Sir William de Walworth, Knt., ela deixa sua melhor cinta, e para a Senhora Margaret esposa deste sua melhor joia. Doações para Johanna sua parente, ao filho de Thomas de Fulham com Johanna, John Olyver, seus servos, e outros. Todas as suas terras e propriedades na cidade e seus subúrbios a serem vendidas e seus rendimentos revertidos para a manutenção de capelães nas igrejas de S. Michael em Cokedlane e S. Michael em Cornhull, e para a provisão de dotes matrimoniais para meninas pobres, para a educação de meninos pobres, para o pagamento de dívidas, para o reparo de estradas, e obras de caridade semelhantes. Datado em Londres, Sexta-feira da Festa de SS. Tibúrcio e Valeriano [11 Aug.], A.D. 1385. Roll 116 (67)" (Tradução livre da autora).

⁵ Wills: 50 Edward III (1376-7). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 186-193. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp186-193>. Acesso em 2 de outubro de 2020. "Mais doações para os reitores de Londres para suas misérias, para os internos de Neugate, Flete, e da Marischalsea, os pobres e decrépitos em vários hospitais, os leprosos de *le loke* e do Hospital S. Giles; também para o casamento de moças pobres, para o reparo de pontes e estradas nas vinte milhas ao redor de Londres" (Tradução livre da autora).

⁶ Wills: 46 Edward III (1372-3). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 144-153. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp144-153>. Acesso em 3 de outubro de 2020. "Mais doações para a manutenção da luz de Santa Maria na igreja São Olavo próxima a Torre, e a luz de Wolwyrchers na mesma; para várias ordens de freis, para os irmãos e irmãs dos hospitais de S. Thomas de Southwerk, Elsingspitele, S. Mary without Bishshopesgate, S. Giles without Holborne, e outros; para prisioneiros nas prisões do Rei, em Neugate, na Marshelsea em Westminster, Hertford, Royston, Colchester, Canterbury, Rochester, Sarum, Ilchester em Somerset, nas prisões de Dorset e Exeter, assim como nas prisões dos bispos, em Storteford, Canterbury, Rochester, Westminster, Sarum, Wells, e Oxford." (Tradução livre da autora).

⁷ Wills: 14 Richard II (1390-1). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 278-289. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp278-289>. Acesso em 3 de outubro de 2020. "Scorfeyn (John), armeiro. — A ser enterrado no cemitério de S. Paul's, ao lado de sua mãe Alice. Doações para a igreja de S. Augustine próximo ao Portão de S. Paul; também para a igreja de Ifeld (em Kent), e para os pobres desta paróquia; para cada ordem mendicante de Londres, para a Priora e as freiras de Roughsparre, para as partes antigas e novas de S. Paul's, para o reparo da estrada entre Nomanneslonde e Islington. Para Peter seu irmão, Isabella sua irmã, William filho de sua irmã, Johanna atte Brook, William atte Brook, Ralph Scorfeyn seu parente, e outros, ele deixa quantias de dinheiro. Para Agnes sua esposa deixa sua propriedade chamada "le harwe on the hope" na paróquia de S. Dunstan em Fletestrete enquanto viver, desde que não se case novamente; do contrário, deve ser vendida e os rendimentos revertidos para os presos, mais especificamente as mulheres, em Ludgate e Newgate, e outras obras de caridade. Datado em Londres, 16 de Março, D.C. 1389" (Tradução livre da autora).

⁸ Wills: 16 Richard II (1392-3). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 295-301. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp295-301>. Acesso em 4 de outubro de 2020. "Boxford (Robert), mercador de tecidos. — A ser enterrado no cemitério de S. Paul's chamado "Pardounchirchewawe." Uma metade dos seus bens móveis ele deixa para Clemence sua esposa como sua parte de seus bens, e do restante faz várias doações às obras em S. Paul's e na igreja de S. Vedast, aos

presos pobres em Neugate e Ludgate, ao Prior, e aos Cônegos de S. Mary de Overee em Southwark, ao Mestre do College of S. Laurence Pounteneye próximo a Candelwykstrete, aos ministros da igreja de Santa Maria Madalena de Southwark; também para o reparo de estradas nas vizinhanças de Londres, e para ser distribuído entre os pobres e os enfermos acamados na cidade e seus subúrbios. Doações também para John Prentis seu irmão, John Gibbes, William Symme, e outros. Uma certa renda derivada de uma propriedade chamada "le cok on the hoop" na paróquia de S. Giles without Crepulgate a ser vendida para pagar suas dívidas. Datado no priorado mencionado, na Festa da Purificação da Virgem Maria [2 de Fevereiro], 16 Richard II. [D.C. 1392-3]. —Também para o velho Thomas, responsável pelo sino do priorado, três *shillings* e quatro *pences*. Roll 121 (145)" (Tradução livre da autora).

⁹ A *trinoda necessitas* refere-se às três obrigações fundamentais de todos no período anglo-saxão; estas eram o serviço militar, o reparo e a construção de pontes e a construção e manutenção de fortificações.

¹⁰ Wills: 48 Edward III (1374-5). In *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 156-167. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp156-167>. Acesso em 5 de outubro de 2020. "Potman (John), mercador de peixes. — A ser enterrado na igreja de São Magno próxima a London Bridge. Doações para esta igreja e seus ministros, também para as obras de manutenção da London Bridge e para o padre da capela sobre a mesma. Para Juliana sua esposa sua propriedade sobre Fichwharf na paróquia de São Magno mencionada enquanto viver; após sua morte, esta fica para Guydo e Henry seus filhos; após a morte destes fica para os guardiães da Fraternidade Salve Regina na mesma igreja. O restante de seus bens deve ser dividido igualmente entre sua esposa e seus filhos. Datado na Festa de São Mathias, Apóstolo [24 de Fevereiro], D.C. 1373. Roll 102 (147)". (Tradução livre da autora).

¹¹ Memorials: 1350. In *Memorials of London and London Life in the 13th, 14th and 15th Centuries*, ed. H T Riley. London, 1868, pp. 247-265. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/no-series/memorials-london-life/pp247-265>. Acesso em 6 de outubro de 2020.

¹² Wills: 11 Richard II (1387-8), in *Calendar of Wills Proved and Enrolled in the Court of Husting, London: Part 2, 1358-1688*, ed. R R Sharpe. London, 1890, pp. 261-269. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/court-husting-wills/vol2/pp261-269>. Acesso em 6 de outubro de 2020. "Mordon (John), chamado "Rothynge," mercador de peixes salgados. — A ser enterrado no cemitério da igreja de S. Mary atte Hill. Matilda sua esposa deve receber todos os rendimentos provenientes de suas propriedades na paróquia de São Edmundo, o Rei, em Lumbardestret até a maioridade de seu filho Henry; e se este Henry morrer enquanto for menor, então até a maioridade de seu filho John. Caso os dois filhos morram sem herdeiros, as propriedades devem ser entregues às autoridades de Londres e aos guardiães da London Bridge da época e seus sucessores, para a manutenção desta ponte. Datado em Londres, Quinta-feira da Festa de São Clemente, Papa [23 de Novembro], D.C. 1385. Roll 116 (78)" (Tradução livre da autora).

¹³ Memorials: 1321. In *Memorials of London and London Life in the 13th, 14th and 15th Centuries*, ed. H T Riley London, 1868, pp. 142-144. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/no-series/memorials-london-life/pp142-144>. Acesso em 6 de outubro de 2020. "E que dois barcos bons e fortes sejam providenciados para permanecer no Thames à noite, com homens armados, ao lado da London Bridge, na direção oeste, e dois barcos do outro lado, em direção leste; para guardar as águas à noite, e observar que ninguém entre nesta parte da Cidade para fazer malfeitos; e caso vejam perigos, para avisar às pessoas dos Wards que estão mantendo vigia sobre a água" (Tradução livre da autora).

¹⁴ Folios xxx - xl: Jan 1403-4. In *Calendar of Letter-Books of the City of London: I, 1400-1422*, ed. Reginald R Sharpe. London, 1909, pp. 30-42. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/voli/pp30-42>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

¹⁵ Folios cxi - cxx: May 1379. In *Calendar of Letter-Books of the City of London: H, 1375-1399*, ed. Reginald R Sharpe. London, 1907, pp. 127-147. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/volh/pp127-147>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

¹⁶ Folios ccxli - ccli: Jan 1369-70. In *Calendar of Letter-Books of the City of London: G, 1352-1374*, ed. Reginald R Sharpe. London, 1905, pp. 258-263. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/volg/pp258-263>. Acesso em 10 de outubro de 2020. "Depois de considerar o que está acima [no fólio] foi decidido enviar ao rei uma delegação para pedir que a Cidade fosse liberada em consideração aos pesados fardos que já havia suportado. O Rei negou. Portanto, foi acordado que o dinheiro seria emprestado ao Rei pelas pessoas cujos nomes aparecem no folio seguinte [posteriormente apagado], junto com as quantias emprestadas por cada um, asseguradas pelas taxas e subsídio da lã e do couro no Porto de Londres, (...). E que seja de conhecimento que Stephen Cavendishe e John Warde, Aldermen, e John Philipot e John Organ, Commoners, foram nomeados para arrecadar o dinheiro, que foi

entregue ao Rei, como aparece para o Tesoureiro Real sob custódia do Chamberlain do Guildhall” (Tradução livre da autora).

¹⁷ Folios lxxxix - xc: June 1409. In *Calendar of Letter-Books of the City of London: I, 1400-1422*, ed. Reginald R Sharpe. London, 1909, pp. 74-83. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/voli/pp74-83>. Acesso em 10 de outubro de 2020. “... assegurando que a soma de 7000 *marks*, requisitadas para sua expedição em Gales, havia sido paga para vários oficiais do Rei, da maneira especificada, embora os escrivães tenham sido informados pelo Príncipe que o dinheiro não havia chegado às mãos do Rei” (Tradução livre da autora).

¹⁸ Folios cclxi - cclxx: Dec 1370. In *Calendar of Letter-Books of the City of London: G, 1352-1374*, ed. Reginald R Sharpe. London, 1905, pp. 272-282. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/london-letter-books/volg/pp272-282>. Acesso em 10 de outubro de 2020.